

TEM QUE ME DAR CONDIÇÃO!

FEMINILIDADES CONTEMPORÂNEAS EM DISCURSO

Juliana Ribeiro de Vargas/julivargas10@hotmail.com

Universidade Luterana do Brasil

RESUMO: Recorte de uma investigação mais ampla, o presente estudo pretende visibilizar e problematizar a operacionalidade de determinados discursos evidenciados em músicas associadas ao gênero contemporaneamente conhecido como *funk* ostentação na (re)produção de formas de viver a feminilidade na atualidade. Tais músicas eram apreciadas por um grupo de alunas, com idades entre treze e quinze anos. Alinhado às teorizações dos Estudos Culturais em Educação e aos Estudos de Gênero em perspectiva pós-estruturalista é possível compreender as músicas escutadas pelas alunas como produções culturais e ainda, aproximar a análise dos comportamentos de homens e mulheres como relacionados às construções históricas e sociais, não somente como derivados de distinções biológicas. Compreendo também, neste estudo, as músicas escutadas pelas alunas como superfície de visibilidade de determinados enunciados e discursos a partir de subsídios da Análise do Discurso de inspiração foucaultiana. Apresento no texto, inicialmente, considerações acerca da constituição de um ideário de feminilidade, problematizando-o através das perspectivas teóricas elencadas. Posteriormente, apresento algumas características do gênero *funk* ostentação e ainda, problematizo fragmentos de algumas das músicas escutadas pelas jovens deste estudo, buscando visibilizar discursos sobre gênero, sexualidade e consumo evidenciados em tais músicas. Encerro este estudo com a certeza de que outros discursos poderiam ser problematizados na procura de visibilidade para dimensões ainda pouco estudadas no que se refere à constituição da juventude feminina.

PALAVRAS CHAVE: Estudos Culturais - Gênero - Discurso - Música – Feminilidade

Palavras iniciais

Uma estudante do último ano do Ensino Fundamental escuta uma de suas músicas preferidas no celular: *Mulher do Poder*, interpretada pela *Mc Pocachontas*¹. É interessante destacar que na versão audiovisual da música, a intérprete em questão aparece, em diversos momentos, desfrutando de bens de consumo de alto valor, como roupas e acessórios de grifes famosas, a exemplo da *Louis Vuitton*². A artista também refere ao longo da música que para iniciar/manter um relacionamento afetivo seu parceiro deve, obrigatoriamente, *lhe dar condição*, ou seja, sustentar seus desejos e suas vaidades, não importando o quão caro sejam. Frente a esta descrição, vale questionar: estarão as jovens da atualidade, principalmente

¹Mc Pocachontas é o nome artístico de Viviane Queiroz, cantora carioca. Ver: <http://www.brasilblogado.com/mc-pocachontas-oficial/> Acesso 20 jul 2014.

²O vídeo da música pode ser visibilizado pelo endereço <https://www.youtube.com/watch?v=AGuf8ARymiU>. Acesso em 15 abr 2015.

aquelas apreciadoras do estilo *funk* ostentação, organizando seus relacionamentos de amizade e de afeto de modo semelhante à *Mc Pocachontas*?³

O presente estudo, recorte de uma investigação mais ampla, pretende visibilizar e problematizar a operacionalidade de determinados discursos na constituição de subjetividades de um grupo de jovens alunas contemporâneas e, por conseguinte, na (re)produção de formas de viver a feminilidade na atualidade. É importante referir que tais discursos eram evidenciados em músicas associadas ao gênero contemporaneamente conhecido como *funk* ostentação, o qual era apreciado pelo grupo de alunas em questão. Também é importante destacar que as alunas escutavam e compartilhavam tais músicas através de seus aparelhos celulares, muitas vezes em meio às atividades de sala de aula, não acatando assim a legislação vigente que proíbe o uso de tais aparatos nas escolas da rede de ensino da qual fazem parte.⁴

Os campos teóricos dos Estudos Culturais e dos Estudos de Gênero, em vertente pós-estruturalista e também as teorizações de Michel Foucault, selecionados para subsidiar este estudo, permitem o aprofundamento da temática de análise. Em consonância com tais campos, compreendo os sujeitos como constituídos e diferenciados discursivamente, segundo as condições de possibilidades de distintos contextos históricos e sociais. Logo, as jovens contemporâneas estudadas estariam sendo subjetivadas de distintos modos em suas possibilidades de vida e, desta forma, constituiriam suas feminilidades frente aos diferentes discursos que as atravessam. Vale referir que compreendo que os processos de constituição das subjetividades das alunas jovens estão implicados nas formas como essas elencam para vivenciar a feminilidade na contemporaneidade, uma vez que “os modos de subjetivação, são, precisamente, as práticas de constituição dos sujeitos” (CASTRO, 2009, p. 408).

A partir da perspectiva dos Estudos Culturais é possível compreender as manifestações significativas para os distintos grupos sociais, tal como as músicas escutadas pelas alunas, como produções culturais e ainda, como ações comunicativas/identitárias dos grupos sociais nos quais as jovens alunas transitam, uma vez que tais músicas eram compartilhadas entre as elas através da internet e/ou, pela tecnologia *bluetooth*. Já os Estudos de Gênero, ao deslocarem o foco de análise dos comportamentos de homens e mulheres como originários unicamente de categorizações biológicas para o entendimento dos mesmos como relacionados às construções históricas sociais, fomenta modos diferenciados de descrição e

³ Apesar de sua produção ser recente (2009), o *funk* ostentação já foi tema de documentários e de reportagens especiais de jornais e revistas de grande circulação. As músicas traçam, em sua maioria, narrativas acerca dos “benefícios” que o acúmulo de bens e de patrimônio proporciona aos homens jovens e mulheres: a companhia de parceiros e a elevação de um status frente aos demais.

⁴ A escola das alunas pertence a Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre.

análise de tais sujeitos (LOURO, 1997). Sob tal perspectiva gênero é compreendido como um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos (SCOTT, 1995). Teresa de Lauretis (1994) compreende gênero para além das diferenças sexuais, pois para autora também essas não são universais, tão pouco articuladas em razão de essências ditas únicas. Alinhada às ideias de Foucault (2009) sobre a constituição do sujeito a partir das práticas de subjetivação, a referida autora pontua a potencialidade de pensar o conceito de gênero como também uma tecnologia, produto de práticas discursivas.

Apresento a seguir os percursos metodológicos deste estudo. Em seguida, destaco a constituição de um ideário de feminilidade, problematizando-o através das perspectivas teóricas elencadas. Posteriormente, apresento algumas características do gênero *funk* ostentação buscando visibilizar discursos sobre gênero, sexualidade e consumo evidenciados em tais músicas. Encerro este estudo com a certeza de que outros discursos poderiam ser problematizados na procura de visibilidade para dimensões ainda pouco estudadas no que se refere à constituição da juventude feminina.

Caminhos metodológicos

Para desenvolver o presente estudo dispus-me conhecer os arquivos musicais armazenados pelas alunas em seus cartões de memória em três períodos distintos: julho de 2012, novembro de 2012 e abril de 2013. Destes movimentos foi possível contabilizar setecentos e noventa arquivos musicais distintos na primeira análise de dados, oitocentos e dezoito na segunda análise e cento e quarenta arquivos distintos na terceira análise.

Posterior ao levantamento dos arquivos musicais dos cartões de memória, estabeleci estratégias de análise frente às músicas mais escutadas. Tais análises foram balizadoras para a organização dos grupos de discussão, neste estudo chamados de Rodas de Conversa, metodologia que permitiu compreender melhor como os discursos visibilizados pelos arquivos musicais operavam na constituição das subjetividades das alunas e, ainda, foi profícua para obtenção de maiores informações acerca de suas preferências musicais.

Compartilho com Carla Beatriz Meinerz (2011, p. 486) o entendimento de que a metodologia do grupo de discussão abre a possibilidade de escuta sensível, que não se fundamenta apenas em rigores teóricos para sua realização, uma vez que tal escuta é dependente da postura “política, afetiva e ética do pesquisador”. Para melhor organização da

referida metodologia, as participantes foram divididas em quatro grupos, respeitando suas afinidades.

Assim, de modo semelhante a outros autores (FISCHER, 1996; SCHWENGBER, 2006), articulei pressupostos da análise do discurso, a partir de Foucault, para problematizar discursos que eram visibilizados e reiterados pelas músicas mais escutadas pelas alunas. Compreendo assim que tais metodologias potencializam análises sobre a constituição das subjetividades das alunas na contemporaneidade e, por conseguinte, na constituição da feminilidade juvenil contemporânea.

Um homem para lhe dar condição: discursos constituindo modos de ser mulher

Amélia não tinha a menor vaidade.

Amélia é que era mulher de verdade

(Aí, que saudades da Amélia, Mario Lago e Ataulfo Alves)

Mario Lago e Ataulfo Alves apresentavam, nos anos de 1940, uma mulher de verdade como aquela que apoiava seu companheiro em todas as dificuldades do cotidiano e que ainda, não exercia a vaidade. Também na canção *Marina*, de Dorival Caymmi, composta na mesma década (1947), também acaba por destacar a simplicidade, a ausência de vaidade como uma característica a ser apreciada nas mulheres. A mulher cantada de Caymmi não precisaria maquiar-se pois *já era bonita com o que Deus lhe deu!*

Autores que problematizam a história das mulheres, tais como Del Priore (1997), Louro (1997), Perrot (2007) demonstram, através de seus estudos, que determinadas características tais como o amor incondicional, a paciência constante, o recato e a simplicidade foram características estimuladas, ao longo dos tempos, nas sociedades ocidentais, a fim de naturalizar alguns comportamentos como formas adequadas para o ser mulher. Exemplo dessa afirmação pode ser percebido na associação dos comportamentos femininos à história de personagens bíblicas como Eva (a pecadora) e Maria (a submissa), as quais subsidiaram formas adequadas e inadequadas para a conduta das mulheres (Del Priore, 1997). É possível compreender também, de acordo com as ideias de Michel Foucault (2005), que tais discursos tenham se estabelecido como regimes de verdade nas diversas sociedades.

A verdade, como afirma Foucault (2005), está centrada na forma do discurso científico, é difundida amplamente e circula nos aparelhos de educação e de informação. Pode-se pensar na potencialidade do conceito de verdade quando Foucault (2005, p.13) afirma

que, por verdade, se entende “[...] o conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder.” Desta forma, se determinadas características foram associadas às mulheres, a partir de discursos específicos de cada sociedade, é possível inferir que estes funcionaram – e ainda funcionam – como verdades sobre as mulheres. Vale destacar ainda que, segundo Foucault (2009) o poder, a produção da verdade (constituída através do exercício do poder) e a subjetividade são elementos relacionados no processo de condução de condutas dos indivíduos.

Discursos diversos permitiram que mulheres fossem queimadas na Europa em fogueiras e, em outros tempos, fossem descritas como histéricas. Foram verdades instituídas sobre as mulheres que constituíram uma proposta de educação feminina a qual, até o século XIX, afastava as mulheres da instrução. As mulheres deveriam ser *mais educadas do que instruídas* e capazes de desempenhar os papéis futuros de dona de casa, esposa e mãe (PERROT, 2007). A partir de tal premissa, configura-se como natural pensar que alunas devam ser calmas, meigas e contidas e aquelas que difiram desse perfil, acabem descritas como anormais ou diferentes (WALKERDINE, 1995).

Esse é bonde das minas que andam no ouro: discursos do funk ostentação

*Bota o dedo pro alto, deixa os homens loucos
Esse é o bonde das minas que andam no ouro
Gosto de ostentar e essa é a minha vida
Mulher do Poder, é assim que eu sou conhecida
(Mulher do Poder- Mc Pocachontas)*

Encontradas na totalidade dos cartões de memória das alunas investigadas, as músicas relacionadas ao *funk ostentação* são apreciadas por grande parte dos jovens (e até mesmo das crianças) nos tempos atuais. Vale destacar que mesmo aquelas alunas que afirmavam “não gostar muito” de *funk*, tinham arquivos musicais de tal estilo, fato que corrobora com as seguintes ideias: a) O grande número de arquivos armazenados era o que mais importava às alunas; b) A troca de arquivos musicais pela tecnologia *bluetooth* constituiu-se como uma das formas de socialização entre as alunas deste estudo. Entendo, de modo semelhante a Dayrell, (2002) que o consumo cultural tornou-se ferramenta importante para as trocas sociais.

A popularização do referido estilo musical é também uma dimensão a ser considerada. A forte presença do *funk* em nossa sociedade, em especial do estilo ostentação,

pode ser percebida nas trilhas sonoras de novelas de grande audiência, na presença de artistas do gênero, a exemplo da *Mc Pocachontas*, em programas de televisão e também pelos numerosos shows que os artistas realizam mensalmente. Sobre a popularização do *funk*, vale destacar as palavras do *DJ Malboro*, um dos percussores do estilo no Brasil: “É a verdadeira Música Popular Brasileira, a MPB, [...]. Acho que não existe nada hoje no Brasil que tenha tanta força ou que seja ligado de um modo tão verdadeiro ao que as pessoas pensam como o *funk*”. (DJ Malboro - PLATT e NEATE, 2008, p.85).

Segundo Dayrell (2002) o *funk*, assim como o *rap* tem sua origem na música negra norte-americana, a qual incorporou sonoridades africanas, baseadas, segundo o referido autor, no ritmo e na tradição oral. De um modo geral, tal ritmo musical é associado às classes sociais de menor poder aquisitivo e, por conseguinte, com uma suposta menor possibilidade de aquisição de bens de consumo. Segundo Michael Herschmann (2005), apesar de ter sido visibilizado na década de 1970 na conhecida casa de espetáculo Canecão, o *funk* encontrou o seu espaço posteriormente nos bairros dos subúrbios cariocas. Nos tempos atuais, é possível afirmar que o referido gênero é produzido/consumido por "diversos grupos e segmentos sociais, e pela indústria cultural em geral." (HERSCHMANN, 2005, p. 73).

As músicas relacionadas ao *funk* ostentação traçam, em sua maioria, narrativas acerca dos “benefícios” que o acúmulo de bens e de patrimônio proporciona aos homens jovens: a companhia de belas mulheres e a elevação de um *status* frente aos demais. O mesmo estilo musical apresenta músicas que descrevem os desejos femininos como unicamente relacionados à vaidade e à beleza. Nas canções, tais desejos são atendidos, de um modo geral, por homens que pagam às mulheres o que elas querem. Os relacionamentos afetivos também são organizados a partir da mesma lógica; mulheres namoram homens que "bancam" tudo o que elas desejam.

A música *Onde eu chego eu paro tudo*, interpretada pelo *Mc Boy* do Charmes, exemplifica as afirmações anteriores. Tal música descreve que o uso de uma série de artefatos de vestuário e embelezamento de valor extremamente elevado, de marcas como *Dior*, *Lacoste*, *Armani* e *Oakley*, possibilitaria aos homens encantar, seduzir e compartilhar da companhia de belas mulheres.⁵ O uso de adornos como cordões e correntes de ouro e ainda, a propriedade de carros e motos de valor elevado também são destacados pela música referida como ações potenciais para a elevação do *status* de quem os usa. A versão audiovisual (videoclipe) desta e de outras semelhantes visibilizam homens jovens cercados de belas

⁵ *Mc Boy* do Charmes é o nome artístico de Wellington França, cantor e compositor.

mulheres e ostentando os artigos de luxo como os citados.⁶ A seguir, apresento excertos da música que evidenciam as afirmações.

*Onde eu chego eu paro tudo
A mulherada entra em pane
Meu cordão é um absurdo
Meu perfume é da Armani[...]*

*Pick-up cabine dupla
Jet na carroceria
Correria traz fartura
Fartura traz alegria
E no meu vocabulário
Não existe economia
Nós investe no poder
E usufrui da putaria (Onde eu chego eu paro tudo- McBoy do Charmes)*

Em determinados versos da música *Onde eu chego eu paro tudo*, é possível pensar que o uso de artefatos de marcas de grife e de automóveis caros seja propiciado pela prática de atividades ilícitas, tais como roubos e furtos. Refiro-me aqui, especificamente, aos versos “*correria traz fartura, fortuna traz alegria*” e “*nós investe no poder e usufrui da putaria*”. No ambiente da periferia é de conhecimento geral que “aqueles que fazem correria” são os sujeitos envolvidos em práticas ilícitas, a exemplo do tráfico de drogas e do comércio de máquinas caça-níqueis.

De modo semelhante, a música *Rolê da Haybusa*, de Mc Dedé também visibiliza a relação entre popularidade e consumo de caros artefatos de vestuário, tal como pode-se observar no recorte da mesma:

*Área vip, whisky, no camarote só as top de elite
No baile (HAHA), nós porta o kit
Tem Hollister e Abercrombie Fitch
Meninas solteiras o baile é de vocês
Vem dançando uma de cada vez (Rolê da Haybusa - Mc Dedé)⁷*

Ao problematizar com as alunas a relação dos artefatos de consumo descritos em ambas as músicas e a real possibilidade financeira de serem adquiridos, as mesmas destacaram a realização de atividades ilícitas como meio para a conquista de tais bens, como é possível visualizar em suas falas:

⁶ Pode-se referir aqui as músicas *Megane* (Mc Boy do Charmes), *Plaque de 100* (Mc Guime), *É o fluxo* (Mc Nego Blue) e as *Minas do Camarote* (Mc Dedé).

⁷ Mc Dedé é o nome artístico de Josley Caio Faria, cantor de funk originário de São Paulo (SP). Ver: <http://vejasp.abril.com.br/materia/funk-ostentacao-paulista> (Acesso em 05 abr. 2013)

Pesquisadora: Haybusa é uma moto caríssima! Vocês acham que os caras que cantam essas músicas têm dinheiro para comprar?

Isabelly: Têm! Porque eles invadem o lugar e “pegam” né?

Pesquisadora: E as gurias vão querer andar com os caras de Hayabusa ou com os demais caras?

Amanda, Isabelly e Cintia: De Haybusa!

Amanda: Mas tu achas que os que têm Haybusa conseguem comprar Haybusa como? Vendendo droga!

Isabelly: É patrão! Eles são patrão!

Já *Mc Pocachontas* acaba por ser descrita pelas alunas como exemplo de beleza e performance artística. Todas querem ser *Mc Pocachontas*! É interessante destacar que o fato de um homem financiar seus desejos e vontades, como a artista descreve na música, não chega a entendido como um problema para as alunas. Tais ideias são visibilizadas por suas falas:

Amanda: *Mc Pocachontas*! Eu gosto muito!

Isabelly: Ah, eu amo ela! Ela não é bagaceira, e ela é linda!

Julia: Ela é linda! E eu gosto das músicas dela!

Evillyn: Ela é linda e as músicas dela são legais! Eu acho ela a *Mc* mais bonita que tem!

Pesquisadora: E por isso que tu gostas dela? Tu querias ser ela?

Evillyn: Ah, eu queria! Imagina “sora”! Tirar foto lá, naqueles carrões!

Na contemporaneidade, através da participação em programas de TV ou ainda em outros eventos promocionais, alguns indivíduos de condição de vida simples, sem muitos recursos materiais, transformam-se em fenômenos da mídia rapidamente. Embora, na visão de seus intérpretes, tais músicas retratem possibilidades de vida a serem alcançadas pela população de periferia, é válido problematizar de que modo tais possibilidades poderiam ser efetivadas.

Em certa medida, é possível pensar que as músicas alinhadas com o *funk* ostentação visibilizem a ideia de Zigmund Bauman (2005) de que, na contemporaneidade, o mundo configura-se como um palco de performances, no (e do) qual somos consumidores de bens de consumo, de bens culturais e até mesmo de relacionamentos. Como afirma Bauman, as sociedades contemporâneas padecem da *síndrome consumista*, na qual os desejos e anseios pelos bens materiais devem ser atendidos de forma quase imediata. Nas palavras do autor, tal síndrome envolve a “[...] enfática negação da virtude da procrastinação e da possível vantagem de se retardar a satisfação [...] encurta radicalmente a expectativa de vida do desejo e a distância temporal entre este e a sua satisfação, assim como entre a satisfação e o depósito de lixo” (BAUMAN, 2008, p. 111). Também as palavras de Dayrell (2002, p. 124) são proficuas para a problematização:

Vivemos no Brasil uma situação paradoxal. Nas últimas décadas vem ocorrendo uma modernização cultural, consolidando uma sociedade de consumo, ampliando o mercado de bens materiais e simbólicos, mas que não é acompanhada de uma modernização social. Assim, os jovens pobres inserem-se, mesmo que de forma restrita e desigual, em circuitos de informações, por meio dos diferentes veículos da mídia, e sofrem o apelo da cultura de consumo, estimulando sonhos e fantasias, além dos mais variados modelos e valores de humanidade.

É preciso escutar (mais): à guisa de conclusão

[...] eu acho que discursos, na verdade, habitam corpos. Eles se acomodam em corpos; os corpos na verdade carregam discursos como parte de seu próprio sangue (Judith Butler, 2002, p. 163)

As palavras de Butler (2002) são produtivas para pensar como os diferentes discursos, a exemplo daqueles elencados neste estudo, acabam por constituir distintos modos de ser uma jovem aluna na contemporaneidade. Apesar do conceito de juventude remeter a ideia de categoria plural, na atualidade, certas características tais como beleza, espontaneidade e vitalidade, acabam por ser naturalmente associadas à condição juvenil, exaltadas por diversos discursos circulantes em nossa sociedade, a exemplo do discurso midiático

A respeito da produtividade das diversificadas mídias na constituição dos sujeitos afirma Rosa Fischer (2001, p. 588): "[...] a mídia não apenas veicula, mas também constrói discursos e produz significados, identidades e sujeitos [...]" Vale pontuar que, segundo a referida autora, a(s) feminilidade(s) acabam por ser "reforçadas, imaginadas, dinamizadas, polemizadas, enfim, construídas na cultura." (FISCHER, 2001, p. 591). Na atualidade, as diversas formas de veiculação da mídia fazem-se presente no cotidiano da maioria da população, visto, por exemplo, o número crescente de usuários de internet. Assim, as diversas formas da mídia "tornam-se cada vez mais essenciais em nossas experiências contemporâneas, e assumem características de produção, veiculação, consumo e usos específicos em cada lugar do mundo" (FISCHER, 2007, p. 293). Logo, é possível pensar que a mídia fomente a visibilidade de estilos, gostos e, também, de histórias de vida, ações essas que contribuem para a constituição e assimilação de discursos diversos pela sociedade.

Fabiana Marcello (2005) também considera a mídia como um espaço que produz, através da ação das linhas de subjetivação, formas de reconhecimento dos sujeitos pela aproximação e semelhança de seus comportamentos e posturas aqueles considerados como exemplo de normatividade. Sendo assim, muitas das características do "ser mulher" são descritas a partir da Biologia, como exemplifica a autora (FISCHER, 2001, p.595) :

[...] a feminilidade seria “dada” por um conjunto de características originadas da condição biológica, como a do ‘mistério feminino’ (relacionado basicamente à possibilidade de ser mãe), ao mesmo tempo que por uma “necessária” disponibilidade dos corpos da menina e da mulher a se sujeitarem a técnicas disciplinares, cuidados e tratamentos, indispensáveis à conquista amorosa; [...]

Também é importante destacar que o estudo das produções culturais produzidas/consumidas pelo meio das periferias urbanas, a exemplo das músicas associadas ao *funk* ostentação, apresenta-se como um caminho profícuo para a análise das práticas sociais vividas pelos moradores que nelas habitam e também para compreensão dos discursos circulantes em tais espaços. Sobre o tema, também colaboram Helen Ferreira e Mauro José Costa (2010, p. 199):

A periferia não se situa mais como margem: tomou a produção de si mesma fazendo parte da cultura urbana; tem suas representações e cria visibilidade por meio de suas singularidades. Ela dita moda, faz arte, cria estilo, ameaça, incomoda, quebra barreiras, exige espaço, inventa uma cultura própria (local) [...]

Desta forma, compreendo como necessário continuar o estudo e a problematização acerca das formas que os discursos visibilizados pelas músicas escutadas por alunas produzem modos de viver a feminilidade na atualidade, pois visibilizar e problematizar os modos de ser e de viver das alunas jovens, nos tempos atuais, é possibilitar uma melhor compreensão das condições que organizam a constituição das culturas juvenis femininas. Certamente, muitos outros discursos poderiam ser aqui problematizados; não em busca de soluções mágicas e imediatas, mas sim, na busca de visibilidade para dimensões ainda pouco estudadas no que se refere à juventude feminina.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para o consumo**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. **Vida líquida**. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BUTLER, Judith. Como os corpos se tornam matéria. In: PRINS, Baukje; MEIJER, Irene. **Revista Estudos Feministas**, v.10, n.1, p. 155-167, 2002.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DAYREL, Juarez. O rap e o funk na socialização da juventude. **Educação e Pesquisa**, vol.28, no. 1, p.117-136, jun. 2002.

._____. A música entra em cena: o funk e o rap na socialização da juventude em Belo Horizonte: São Paulo:2001. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação da Universidade São Paulo, São Paulo. 2001.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 9.ed. São Paulo: Contexto, 1997.

FERREIRA, Helen Pereira; COSTA, Mauro José Sá Rego. Do local ao global: o serviço de radiodifusão comunitária e sua inserção no ciberespaço. In: SOBREIRA, Henrique Garcia (Org.). **Educação, culturas e comunicação nas periferias urbanas**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010. P. 197-210.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro (RJ), v. 12, n. 35, p. 290 -299. maio/ago. 2007.

._____. Mídia e educação da mulher: sobre modos de enunciar o feminino na TV. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis (SC), v. 9, n. 2, p. 586-599. 2001/2

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Adolescência em discurso**: mídia e produção de subjetividade.1996. Porto Alegre: UFRGS, 1996. 297f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II**- O uso dos prazeres. 13 ed. São Paulo: Graal, 2009.

._____. **A ordem do discurso**. 12 ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip-hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

LAURETIS, Teresa de. A Tecnologia do Gênero. Tradução de Suzana Funck. In: Hollanda, Heloisa Buarque de (org.), **Tendências e Impasses - O Feminismo como Crítica da Cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. P.206-242.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. Enunciar-se, organizar-se, controlar-se: modos de subjetivação feminina no dispositivo da maternidade. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro (RJ), v. 29, p. 139-151, 2005.

MEINERZ, Carla Beatriz. Grupos de Discussão: uma opção metodológica na pesquisa em educação. **Educação e Realidade**, v. 36, p. 485-504, 2011.

PERROT, Michele. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

PLATT, Damian; NEATE, Patrick. **Cultura é nossa arma: AfroReggae nas favelas do Rio**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n. 2, jul./dez, p. 71-99. 1995.

WALKERDINE, Valerie. O raciocínio em tempos pós-modernos. **Educação e Realidade** v.2 n. 2. P.207-233. jul/dez, 1995.